

Apêndice 2:

A NACIONALIZAÇÃO: NOVAS ARMAS - (Do livro *Che, o caminho do fogo*, escrito por Orlando Borrego)

Orlando Borrego, foi o primeiro tenente na coluna 8 “Ciro Redondo” sob o comando de *Che*. Depois do triunfo da revolução foi Segundo Chefe e depois Chefe do Departamento de Industrialização (1959-60); vice-ministro primeiro do Ministério da Indústria (1961-1964); Ministro da Indústria Açucareira (1964-1968); Assessor do Comitê Executivo do Conselho de Ministros (1973-1980). Atualmente é assessor econômico da Cátedra “Che Guevara” da Universidade de Havana e assessor do Ministério de Transporte de Cuba.

Em 13 de outubro de 1960 e em resposta a novas agressões norte-americanas, o Governo Revolucionário respondeu com novas medidas. Mediante a Lei 890 desse ano se nacionalizaram as empresas industriais e comerciais, incluindo os engenhos açucareiros, que passaram a ser dirigidas pelo Departamento de Industrialização. A decisão do Conselho de Ministros sobre a nacionalização foi tomado pela madrugada. Che chamou por telefone desde o Palácio Presidencial instruindo-me da parte do Primeiro Ministro que buscasse os administradores necessários que deviam assumir a direção das indústrias no dia seguinte. Essa foi a ordem e tinha que cumprir sem titubear. Uma vez reunidos todos os companheiros que trabalhávamos no Departamento, analisamos todas as variantes possíveis para solucionar a complexa e imprevista tarefa. Logo recebemos outra chamada telefônica com uma decisão que resolveria o problema. Naquele momento tínhamos concentrado cerca de 200 jovens que estavam se preparando de forma acelerada para enviá-los a um lugar da Sierra Maestra chamado Minas del Frío onde se ministrava um curso para professores. Estes jovens estavam com idade entre 15 e 20 anos e a maioria tinha um nível de escolaridade do sexto grau. Além destes jovens contávamos com uma pequena reserva de oficiais do Exército Rebelde que estavam se formando para futuros administradores de fábricas. Seu nível escolar era similar ao dos professores de Minas del Frío. A decisão de Fidel foi nomeá-los como administradores das novas fábricas e assim fomos informados pelo Che imediatamente. A nomeação seria com caráter provisório, de tal forma que prontamente se encontraram os administradores definitivos, os jovens de Minas del Frío deviam regressar a sua importante missão original. Fidel decidiu reunir-se com os professores quase ao amanhecer do mesmo dia da sua nomeação.

Passadas quatro décadas desde o triunfo da Revolução, acumulamos inumeráveis recordações sobre fatos singulares que ocorreram em distintos cenários do nosso país. Certos acontecimentos aparecem de forma inapagável a nós que participamos deste excepcional processo histórico. Aquela reunião com os professores voluntários, em uma madrugada, recorro como uma das emoções mais perduráveis daqueles primeiros anos da revolução. Os rostos sonolentos daqueles adolescentes, cheios de energia e entusiasmo juvenil confirmavam o acerto das medidas revolucionárias e a decisão de todos para cumprir qualquer missão que se encomendasse naqueles momentos. Na medida em que Fidel lhes explicava as tarefas que tinham que assumir e a firmeza e segurança com que deviam levar a cabo, os gritos de aprovação retumbavam no amanhecer. A expropriação massiva de centenas de indústrias, incluindo as usinas açucareiras, assim como a nomeação daqueles adolescentes para a administração delas, constituiu uma das decisões mais audazes por parte do Governo Revolucionário naqueles momentos e um dos golpes mais demolidores às agressões norte-americanas e à reação contrarrevolucionária dentro do país. Se esperássemos ter administradores profissionais para ocupar as indústrias, ninguém podia dizer teria sido a reação dos norte-americanos, que foram surpreendidos pelas medidas revolucionárias aplicadas em resposta a suas agressões.